

BNDES nega empréstimo a Heliodinâmica

O BNDES negou à Heliodinâmica — a única empresa do terceiro mundo a deter a tecnologia de fabricação de equipamento para captação de energia solar — uma solicitação de suplementação financeira de 2 milhões e 500 mil dólares, que permitiria a empresa o término do desenvolvimento de um projeto para fabricação no País de lâminas de silício policristalino. O silício policristalino é utilizado para fabricação dos chips, os circuitos integrados que são o cérebro dos computadores, que não têm seu processo de fabricação totalmente desenvolvido no Brasil.

A Heliodinâmica e o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social firmaram um acordo em maio do ano passado para que a empresa desenvolvesse, até o final de 1988, silício policristalino suficiente para atender o mercado nacional e exportar num total de 30 toneladas/ano do produto. Para isso foram alocados recursos da ordem de 10 milhões de dólares à empresa, sendo que a financiadora do BNDES, a BNDES-par, passou a deter 24,69 por cento do capital da Heliodinâmica, uma empresa nacional criada em 1980.

Porém, explica o diretor financeiro da empresa, Antônio Paulo Silva, com as condições adversas do mercado a partir do fim do ano passado, as vendas da empresa não evoluíram como o previsto e a Heliodinâmica solicitou ao BNDES, em abril deste ano, uma suplementação financeira, de forma a continuar suas atividades e projeto, redefinido em bases mais modestas. Pela proposta, a Heliodinâmica pretende produzir o silício policristalino suficiente apenas para suprir o mercado nacional, ou seja, 15 toneladas/ano. Com essa produção, as empresas nacionais que já desenvolvem projetos de circuitos integrados e fazem o encapsulamento e teste do produto — a Itaucom, Sid Microeletrônica e Elebra — não precisarão mais importar todo o produto, como atualmente, completando-se o ciclo da indústria de microeletrônica no País. A suplementação, entretanto, foi negada terça-feira passada, dia 30 de setembro.

Segundo Antônio Paulo Silva, o BNDES alegou, para negar o empréstimo, que a Heliodinâmica não teria condições de saldar a dívida, conforme demonstravam projeções feitas pelo banco. A Heliodinâmica argumenta que dificilmente essas projeções podem ser consideradas como reais, já que a situação da economia é variável e a empresa é sólida.

A Heliodinâmica informou hoje (1º), através de telex, ao ministério da Ciência e Tecnologia e a Secretaria Especial de Informática sobre sua situação. A empresa também já entrou em contato com a Financiadora de Estudos e Projetos — Finep — do MCT, que se mostrou receptiva a financiar a compra dos dois fornos para fabricação de blocos de silício que a Heliodinâmica já encomendou nos Estados Unidos, que servirão para fabricação das lâminas a um custo de 825 mil dólares.